

**LEIA AINDA  
NESTA EDIÇÃO****Os candidatos à  
diretoria  
da AFAPUC**

\*

**Depoimentos  
registram situação  
dos professores**

## FUNCIONÁRIOS

# Aprovado indicativo de greve

## PROFESSORES

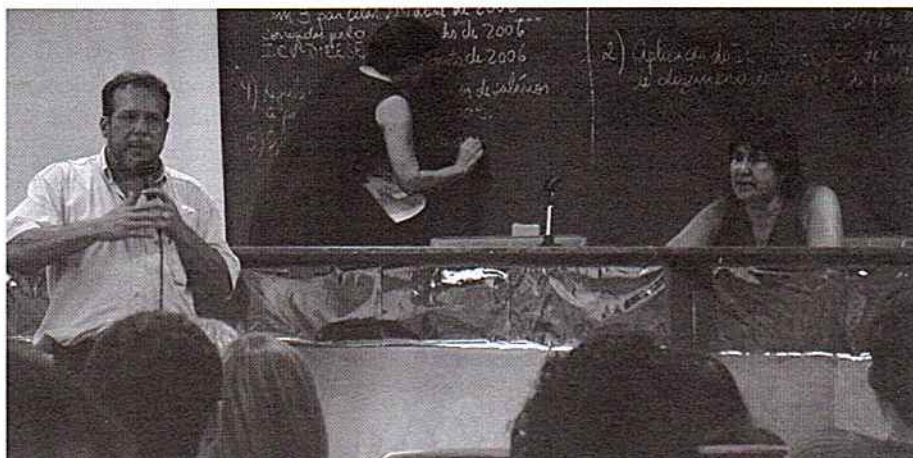
# Um dia de paralisação contra os atrasos

Professores e funcionários rejeitaram, em suas respectivas assembleias, na quinta-feira, 10/3, as propostas apresentadas pela Reitoria para as duas categorias. Pouca coisa mudou em relação à proposta anterior: além do reajuste de 0% em 2005, com recomposição pelo ICV-Dieese (7,66%) em janeiro/2006, a direção da universidade propôs, para os funcionários, pagamento das perdas em duas parcelas, fevereiro e maio/2006, e para os professores em três vezes, abril, junho e agosto de 2006.

Insatisfeitos com os rumos que as negociações vêm tomando os funcionários aprovaram também um indicativo de greve para a próxima reunião. A assembleia não apresentou nenhuma nova proposta e manteve as cláusulas já apresentadas anteriormente.

A diretoria da AFAPUC considerou preocupante a cláusula da proposta da Reitoria em que a direção da universidade não dava garantia de emprego para os trabalhadores da casa. Anselmo Antonio da Silva, presidente da entidade, classificou da mesma forma os discursos que vêm sendo feitos pela Reitoria em seus encontros com a comunidade, em que acena com mudanças estruturais, que podem acabar traduzidas em demissões.

Uma nova assembleia acontece na quinta-feira, 17/3, às 14h. O relato sobre as deliberações a respeito das eleições na AFAPUC pode ser



Professores discutem as propostas da Reitoria

lido em nossas páginas internas.

## Paralisação dos docentes

Na assembleia dos professores o clima foi de revolta com o descaso com que a categoria vem sendo tratada pela Reitoria. No dia da assembleia, foi anunciado o pagamento de mais 30% do salário de fevereiro, mas não havia previsão para os 40% restantes.

Os docentes encaminharam suas propostas num sentido mais radical, pois entendiam que a situação chegou ao seu limite. Assim, foi aprovada por unanimidade uma paralisação geral da categoria no próximo dia 29/3, com a realização de assembleias nos períodos da manhã, tarde e noite.

Também foi aprovada a redação

de um abaixo-assinado que expresse a indignação dos professores com a situação da categoria na universidade. Esse documento deverá conter também as assinaturas de funcionários e estudantes que apoiem o movimento dos professores. No dia 29, ele será entregue à Reitoria, que será convidada a explicar a situação da universidade aos docentes.

Uma Comissão de Mobilização foi escolhida na assembleia para encaminhar o dia de paralisação e está prevista também a realização de uma assembleia no câmpus Marquês de Paranaguá.

Os professores, em seus pronunciamentos, lembraram que existe ainda em aberto uma mesa redonda na Delegacia Regional do Trabalho, onde estão sendo discutidos os atrasos salariais da categoria.

# Ambigüidades dos professores

Todos nós, professores, amamos a PUC-SP. Demos, ao longo de anos, o melhor de nós mesmos, empregamos a nossa energia e o nosso intelecto para construir um ambiente universitário rico, democrático e comprometido com a boa formação de gerações e com as transformações sociais do Brasil.

No entanto, atualmente não temos dedicado à PUC-SP nem mesmo algumas horas por semana para enfrentar a crise em que estamos metidos. A maioria dos professores prefere uma solução pessoal, cuidar da própria vida, buscar em outras atividades e em outras instituições a complementação salarial e/ou a realização profissional que a PUC-SP deixou de oferecer.

Vivemos o nosso conflito interior: gostamos da PUC-SP mas não movemos palha para intervir nos destinos da universidade; elegemos uma nova Reitoria, mas não exigimos que ela seja transparente e apresente propostas concretas para o enfrentamento da crise; somos professores assalariados, dependemos da remuneração para viver, mas não agimos como categoria na defesa dos nossos direitos.

A crise continua a solapar as virtudes da PUC-SP. A autonomia universitária está nas mãos dos bancos; a lógica dominante é a dos mercados empresariais; a riqueza do ambiente social, político, cultural, intelectual dá lugar ao burocratismo e ao carreirismo; a elitização do alunado empobrece o universo pedagógico; a autoestima cai e o baixo astral toma conta dos espíritos.

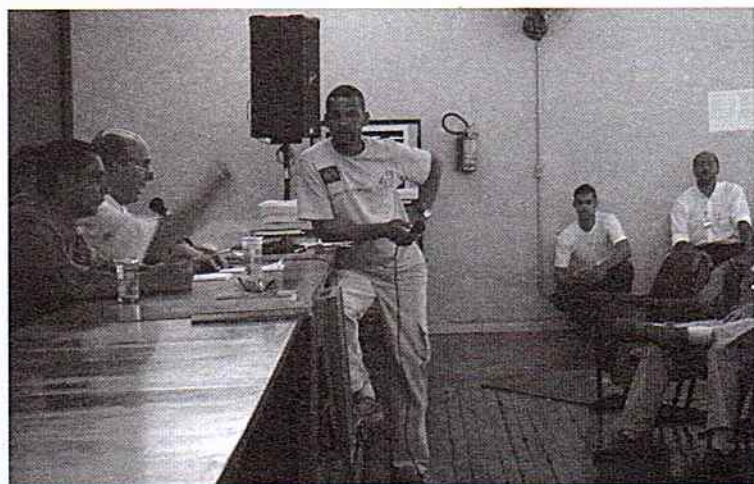
A nova Reitoria está convencida de que a dívida financeira da PUC-SP, atualmente de R\$54 milhões, não será resolvida somente com negociação com os bancos; quer também reduzir a folha de pagamento da universidade de 80 para 60% da receita, embora nem todos os números – que deveriam indicar onde pode existir alguma distorção – tenham sido revelados.

A pergunta de sempre permanece: não é estranho que uma universidade com mais de vinte mil alunos, com mensalidade média de mil reais (o que dá uma receita mensal de R\$20 milhões) não consiga bancar uma folha salarial de professores e funcionários bem inferior a esse montante? Não existe nenhuma outra saída que não seja pagar a dívida com o sacrifício dos professores e das condições de trabalho?

Nós, professores, precisamos encontrar algum tempo e algum meio para aprofundar o debate sobre o futuro da PUC-SP. Não podemos mais viver apenas da saborosa glória do passado. É preciso encarar a realidade: se a gestão da universidade não consegue conter o aumento da dívida, não consegue conter a sangria dos juros, não consegue fazer uma articulação política com a sociedade e o Estado, não tem coragem para enfrentar os "altos feudos" privilegiados da universidade (todos nós sabemos quais são), é preciso que o professorado mostre a sua força coletiva, a sua capacidade de organização e a sua disposição de luta – se é mesmo que ainda ama a PUC-SP e quer encontrar alguma solução que não seja a eutanásia.

O destino da PUC-SP está na consciência e na luta dos professores. A hora é agora.

*Hamilton Octavio de Souza,  
Diretor da Apropuc.*



LEANDRO DIVERA

Funcionários discutem o processo eleitoral da AFAPUC

## ELEIÇÕES AFAPUC

### Somente uma chapa concorre

A assembleia dos funcionários de 10/3 também discutiu os desdobramentos do processo eleitoral da entidade. A comissão eleitoral informou que duas chapas fizeram suas inscrições. Uma delas, a AFAPUC Viva, presidida por Anselmo Antonio da Silva, tinha sua situação normal. Já a segunda, AFAPUC Ampliada, apresentou problemas com o seu candidato a presidente, Agrício Ribeiro de Lemos. O funcionário encontra-se em licença médica, fato considerado impeditivo pelas normas eleitorais.

Alguns integrantes da chapa AFAPUC Ampliada solicitaram

prorrogação do processo eleitoral, alegando que o mandato da atual gestão deveria terminar somente em junho, já que teve sua posse retardada em 2003 por causa da greve da categoria. Os funcionários entenderam, no entanto, por ampla maioria, que o processo não deveria sofrer alterações.

A assembleia abriu a possibilidade de que a chapa AFAPUC Ampliada substituisse o funcionário impedido de participar. No entanto, até o fechamento desta edição, a chapa não havia substituído o seu candidato a presidente, ficando fora do processo eleitoral.

### Chapa AFAPUC Viva

**Anselmo Antonio da Silva**

Presidente

**Benedito Arão**

Vice-Presidente

**Costábile Matarazzo Neto**

1º Tesoureiro

**Adenilson Medeiros**

2º Tesoureiro

**Marta Bispo da Cruz**

1ª Secretária

**Paulo César Albanex**

2º Secretário

Conselho Fiscal

**Francisco Cristóvão, Luiz Cláudio Amaral e**

**Marco Francisco Oliveira** (titulares)

**Carlos Alberto Dutra, Marcos Antonio Bego e**

**José Acosta** (suplentes)



PUCviva é uma publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP. **Coordenação:** Valdir Mengardo. **Reportagem:** Leandro Divera e Flávia Gasi. **Edição de arte, projeto gráfico e editoração eletrônica:** Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães. **Colaboraram nesta edição:** Marta Bispo da Cruz, Priscilla Cornalbas, Luiz Carlos de Campos, Erson Martins de Oliveira, Hamilton Octavio de Souza, Anselmo Antonio da Silva, Maria Helena G. S. Borges. **Telefones da Apropuc:** 3670-8209 e 3872-2685. **Correio Eletrônico:** [apropuc@sanet.com.br](mailto:apropuc@sanet.com.br). **Telefone da Afapuc:** 3670-8208. **Endereço do PUCviva:** Rua Cardoso de Almeida, 990 - Sala CA 02 - Corredor da Cardoso - São Paulo - SP. **Fone:** 3670-8004. **Correio Eletrônico:** [pucviva.jornal@uol.com.br](mailto:pucviva.jornal@uol.com.br) - PUCviva na Internet: [www.apropucsp.org.br](http://www.apropucsp.org.br).

**29/3**

**terça-feira**

# **Paralisação Geral dos Professores**

**PROFESSOR**

**PARE SUA AULA E COMPAREÇA ÀS  
ASSEMBLÉIAS DA APROPUC**

**17/3**

**quinta-feira**

**FUNCIONÁRIOS**

# **Assembléia com Indicativo de greve**

**14h - sala 239**

# O difícil dia-a-dia de

Notícias de um sequestro (do direito de receber o salário devido)

Relato de um (uns) naufrago(s) (sobreviventes do corpo docente)

Crônica de uma morte anunciada (morte da dignidade do professor)

(Obs.:Títulos emprestados de G.G. Marques. Qualquer título serve. Escolha o seu.)

## No limite

As mãos trêmulas, a voz tensa e um olhar profundamente angustiado emolduravam um relato que, de repente, foi se tornando extremamente chocante, constrangedor, inacreditável. O desabafo - estava claro - tinha sido incontrolável, e o desespero estampado no rosto da respeitável e experiente professora foi, aos poucos, dando lugar a um olhar baço, perdido, de onde as lágrimas teimavam em escapar.

A veterana e respeitável professora da PUC, de aspecto cansado, falava da humilhação, do aviltamento, da degradação, da desorganização material e existencial que quase dois anos de atrasos sistemáticos no pagamento de salários e de não pagamento de parcelas como o 13º, haviam imposto à sua vida e de sua família. Pior, contava, com detalhes estarrecedores, como se tornara uma pessoa profundamente doente por causa disto. Ela, que havia dedicado todo seu esforço e empenho profissionais à PUC e cuja vida se pautara sempre pela organização, pela correção, pela previdência, não se conformava em estar sem crédito, com o nome negativado na praça e com uma dívida de rolagem de juros de cartão de crédito e de cheque especial que nunca tivera antes, e que foram os recursos que ela foi sendo obrigada a utilizar para fazer frente aos compromissos obrigatórios de cada mês, quando o salário da PUC passou sistematicamente a não ser pago no tempo devido.

“A este ponto cheguei...!!!”, exclamava, amargurada, a professora. E repetia sempre duas palavras: humilhação e desumanidade.

## Nas franjas da PUC

Era um grupo de oito professores, que havia se formado espontaneamente, num final de manhã de jornadas de trabalho cumpridas, ali próximo à sala dos professores da Comfil.

O grupo era heterogêneo. Os professores e professoras ali reunidos, de passagem e ao acaso, conheciam-se “de

vista”, tinham idades, tempo de casa, titulações e áreas de trabalho diferentes. E até identidades políticas e ideológicas diferentes. Mas a mesma estranha e insondável conjunção que permitiu que eles - nós - interagíssemos naqueles cerca de 15 ou 20 minutos, fez também com que nos tornássemos momentaneamente um corpo orgânico coeso e unificado em torno do mesmo infortúnio, do mesmo inconformismo, do mesmo sentimento de impotência, da mesma frustração, do mesmo desânimo. Da mesma raiva.

Naqueles poucos momentos, todas as outras diferenças desapareceram, e um fio invisível de cumplicidade, de compreensão automática do desespero da professora A, vamos chamá-la assim, igualou todo mundo na vala comum do desamparo frente ao descalabro inominável ao qual há tantos meses os professores da PUC-SP são submetidos.

## Sem os filhos

E os depoimentos/desabafos pipocaram: a fala da professora A foi só a senha para que ficasse patente que cada um ali naquele grupo era “um pote até aqui de mágoa”.

O professor B contou que “mês sim e outro também” ele entra no Serasa e que, muito pior que isto, teve que amargar um conflito horrível no final do ano passado, ao comunicar à ex-mulher, que tem a guarda dos dois filhos menores que tiveram juntos, que não haveria o dinheiro do 13º, que era sagrado e reservado todos os anos para trazer os filhos do interior para passar o fim de ano com o pai. A mulher não acreditou, telefonou para a PUC, fez um escândalo, e uma relação que já era delicada, fraturou de vez. Com os filhos no meio do drama todo, que é a grande dor do professor B. Ele conta, com amarga ironia, que acreditou que a instituição queria mesmo que ele se qualificasse, e que foi aos poucos deixando outros trabalhos e dedicando-se só à PUC, investindo fortemente na sua pós-graduação inclusive, e que agora sente-se perdido, enganado e humilhado por não poder custear a vinda

Na semana passada, a Reitoria anunciou o pagamento de uma segunda parcela dos salários dos professores (30%). Não foi divulgada nenhuma informação sobre quando serão creditados os 40% restantes do salário de fevereiro.

Essa rotina vem se incorporando ao dia-a-dia dos professores desde maio de 2003. Pior do que isso, a PUC deve a seus docentes mais de um salário em valores atrasados do 13.º e do acordo salarial de 2004.

Essa situação tem modificado sensivelmente a vida dos professores da PUC. Vários são os subterfúgios de que cada docente tem se utilizado para fugir do problema. A primeira saída é o cheque especial, fartamente distribuído pelos bancos, que lucram com a obtenção de juros hoje em torno de 8% ao mês. Outros docentes, que já esgotaram a possibilidade de endividamento nessa modalidade, recorrem a um empréstimo pessoal, com juros menores e mais prazos para quitar a dívida. O número desses professores vem aumentando depois que a PUC começou a atrasar os salários.

Embora os bancos da PUC não tenham autorizado a publicação de dados, o *PUCviva* apurou que a inadimplência por conta do cheque especial ou de atraso no pagamento de crédito pessoal está em níveis preocupantes.

Na matéria ao lado, a professora Raquel Balsalobre, do Departamento de Jornalismo, relata o que ouviu de uma série de professores sobre seus angustiantes cotidianos, que vão desde o aumento de doenças profissionais, até o rebaixamento sensível da auto-estima da categoria.

# os docentes da PUC

de seus filhos para sua casa na época do Natal. Relata coisas como vir a pé trabalhar, porque economizar o dinheiro da gasolina e do estacionamento passou a ser importante.

## Mãe doente

A professora C, que a tudo ouvia com uma expressão horrorizada, diz que, como ele, teve que cortar “na própria carne”, só que não nos filhos, mas na mãe. E explica: a mãe, que mora com ela, sofre de Mal de Alzheimer e ela sempre bancou seu tratamento e cuidados, que são caros. Ocorre que, como ela também teve que entrar na bola de neve infernal do cheque especial e do cartão de crédito, e como a incerteza do dia do pagamento do salário impede que ela honre seus compromissos nos prazos certos, teve que começar por dispensar a enfermeira que cuidava de sua mãe, o que era fundamental, pois permitia que ela pudesse trabalhar tranqüila e que sua família “funcionasse direito”. Hoje ela passa as noites quase que em claro, pois a enfermidade de sua mãe faz com que esta a solicite muito, seu marido e seus filhos estão irritados, inclusive porque seu salário da PUC é parte fundamental do orçamento da família e está fazendo falta e ela se sente abatida e deprimida frente à situação. “Pode parecer que tudo é só um problema particular e individual meu, mas eu garanto que tudo começou porque há dois anos eu recebo meu salário atrasado e picado, e quando já não tinha mais cara, de tanta vergonha, para pedir mais prazo para pagamento de condomínio, de cheque pré-datado dado em farmácia e em outros lugares, eu larguei mão, passei a pagar as multas, os juros, e tudo começou a desandar.”

## Pai socorre

A voz mansa e delicada da professora C dá lugar à fala pausada e grave do professor D, que, olhos no chão e escandindo as palavras, como quem busca coragem para se manifestar, começa dizendo que “eles pensam que a gente não está entendendo o que está acontecendo...ficam fazendo este seqüestro moral conosco, esta cortina de fumaça, esse negócio de que nós temos que dar nossa “cota de sacrifício”, que nada mais é do que nós, com nossos salários de professores, financiarmos a rolagem da dívida que eles têm com os

bancos... é imoral! É indigno! Salário é sagrado! (...) Eu só não estou pior porque quase todos os meses eu tomo dinheiro emprestado do meu pai, que é bem velho e vive de aposentadoria. Então, por exemplo, no mês que tem IPVA para pagar, ou paga isto ou o condomínio. Para não deixar acumular, ele me empresta o dinheiro do condomínio e eu vou devolvendo aos poucos, quando dá. Ou seja, o ônus final vai recair sobre ele, coitado! Parece piada!”

## Passividade bovina

Do seu lado, o professor E, mais jovem, diz que sua mulher, que dá aulas na Unib, na área de Pedagogia, não se conforma de uma universidade como a PUC-SP fazer isto com seu corpo docente. “Mas o que ela acha mais inacreditável”, diz ele, “é o nosso imobilismo, que ela já chamou de passividade bovina. Vive dizendo que até numa universidade como a Unib, que não tem organização nenhuma dos professores, a resposta a atrasos sistemáticos de salários seria outra. E ela tem razão... Temos amigos que dão aulas em unidades da Unesp do interior e que perguntam compulsivamente por que é que nós aceitamos isto, e eu simplesmente não sei responder, não tenho resposta...!”

E completa dizendo que “só não estou no Serasa porque ela (a mulher), é que está segurando as pontas lá em casa. Fico incomodado com isso”.

## Boicote branco

Duas outras professoras, que haviam demonstrado especial comoção com a manifestação da professora A, intervêm quase juntas, e no mesmo sentido: a deterioração lenta e sistemática de aspectos da qualidade de vida delas, com o inevitável estrangulamento econômico, o desrespeito com um dos segmentos que fazem a universidade girar, que são os professores, a corrosão total da credibilidade das instâncias hierárquicas da PUC – as próximas e as remotas – minaram completamente o entusiasmo, a dedicação, o “gás” que elas sempre tiveram, e que as faziam entregar um “plus” de trabalho para a PUC. Relatam que no ano passado orientaram cerca de seis projetos de Iniciação Científica cada uma, e que, neste ano vão orientar “rigorosamente nenhum”. “A PUC não merece. Eu sinto pelo aluno, mas da minha parte vai ter só o mínimo, como já está tendo só o mínimo da maioria dos professores.

No conjunto, isto vai fazer uma diferença brutal na ‘atmosfera’ da universidade”.

A professora A, que havia ficado tristemente calada depois de sua manifestação inicial, argumenta que não tem muita certeza quanto à eficácia deste “boicote branco”, porque “você sabe, tem aquele pessoal para quem a PUC é só um bico, totalmente secundário, que realmente não depende do salário da PUC, aquele pessoal do Direito, acho que da Administração... eles são ‘colaboracionistas’ por natureza...”. Ao que uns três da roda, quase em coro respondem que “mas eles são uma minoria, minoria mesmo. Fizeram uma sondagem informal que mostra que uma maioria expressiva do corpo docente, ou depende inteiramente do salário da PUC ou depende dele como parcela substancial de seus ganhos”.

## Sem pressa, foi cada um pro seu lado...

Neste ponto, a roda começou a ficar mais silenciosa. Eu olhei aquele grupo de professores com olhos, digamos, inaugurais. Ali tinha havido um certo curto-circuito, uma eletricidade, um pouco de catarse. Não sei exatamente o que houve, mas uma coisa é certa: estava todo mundo no limite. Aliás, todo mundo está no limite. Cada um começou a se despedir do outro para ir embora, e acho que havia um assomo de amizade, de cumplicidade talvez no fundo dos olhos, no meneio das bocas.

Assim como começou, do nada, “sem pressa foi cada um pro seu lado”, como na música que começa com um “ta lá um corpo estendido no chão”.

Eu fiquei olhando aqueles professores se afastarem, rostos cansados, malas pesadas, cada um com seu fardo, cada um com seu fel (ou com seu mel), mas todos unidos pela mesma sina de professor. Ocorreu-me, no entanto, que aquele encontro não tinha sido de unidos, mas de proscritos.

E fui embora também, pensando nas infinitas possibilidades das interações humanas, das associações, das alianças, das identificações, das uniões, e, no limite, da reinvenção da vida.

*Rachel Balsalobre é professora no curso de Jornalismo, jornalista, psicóloga, Mestre em Psicologia Social, e tem se dedicado a coletar relatos, obviamente em off, dos estragos que a “nova forma” de pagar os salários ao corpo docente, praticado pela PUC/SP, tem produzido na vida privada dos professores.*

## Marcha Mundial das Mulheres reúne 30 mil na Paulista

Organizações de mulheres de vários cantos do Brasil e de outros países vieram a São Paulo no dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, para marchar e lançar um manifesto, a Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade. A marcha, que segundo organizadores contou com cerca de 30 mil pessoas, maioria absoluta de mulheres, começou na Avenida Paulista e rumou à Praça da República, e foi a maior manifestação feminista da história de São Paulo.

Ocupando parcialmente a Paulista, a Marcha se estendeu do Masp ao começo da Consolação, formando um enorme corredor humano na Paulista com cores, batucadas, manifestações artísticas, faixas e intervenções políticas. Muitos estudantes, funcionários e professores da PUC participaram da Marcha, mantendo a tradição de protagonismo político da universidade. Entre as reivindicações, destaque para a legalização do aborto. "Direito ao nosso corpo é legalizar o aborto!"; "Aborto público, seguro e legal é direito de toda a mulher!", diziam os cartazes empunhados pelas mulheres.

Nalu Faria, secretária Executiva da Marcha no Brasil, ao discursar disse que "não há nada que justifique a violência contra a mulher, não só física, mas também a violência da lei. Nós queremos que a mulher tenha o direito de controlar seu corpo, e por isso exigimos a legaliza-



FOTOS DE ALCIA PERES E REAFEL STEDILE

Neste histórico 8 de março, a Marcha Mundial da Mulheres tomou a Paulista com muita arte (foto abaixo) e se dirigiu à Pça da República (fotos à esquerda). Nos cartazes as mulheres reivindicavam Liberdade, Igualdade, Solidariedade, Justiça e Paz



ção do aborto". O Dia Internacional da Mulher, hoje celebrado em todo o mundo, foi uma data de luta feminista ao longo de séculos. Em 1857, operárias têxteis de Nova Iorque iniciaram uma greve de reivindicações feministas que durou semanas. No dia 8 de março, quan-

do ocorria uma grande manifestação, as mulheres foram brutalmente reprimidas pela polícia. No início do século XX, o 8 de março virou a data de manifestações de centenas de milhares de mulheres em todo o mundo, que reivindicavam o fim da discriminação sexista.

## CONSELHOS

# Cepe começa a discutir o vestibular semestral

O Conselho de Ensino e Pesquisa (Cepe), reunido na quarta-feira, 9/3, iniciou as discussões sobre a abertura de vestibular semestral em alguns cursos. O debate foi feito a partir das manifestações enviadas por cada unidade em relação ao tema.

As unidades que se mostraram mais favoráveis à abertura de vagas no meio do semestre foram FEA, Comfil, Fonoaudiologia e o Centro de Ciências Exatas e Tecnologia. O diretor da FEA Gilberto Caetano declarou que seria possível abrir mais 100 vagas na Administração, 50 na Economia, 55 nas Ciências Contábeis e

50 nas Ciências Atuariais. O professor sugeriu que tais vagas fossem criadas no Colégio Luiza de Marillac, em Santana, onde já foram abertas 150 vagas no curso de Administração no começo do ano.

Na Comfil, estuda-se criar mais 50 vagas no Jornalismo matutino, com a ressalva de que os laboratórios atuais podem não ser suficientes. Outras vagas em Letras – Inglês e Filosofia dependeriam da contratação de novos professores. A Fonoaudiologia informou ser possível matricular mais 40 alunos no turno vespertino.

Engenharia Elétrica, Tecnologia e Mídias Digitais e Física também decla-

ram disponibilidade. Na pós-graduação, todos os programas poderão passar a abrir inscrições a cada semestre.

Já a direção da Psicologia, um dos cursos mais procurados da universidade, informou que, sendo o curso anual, o currículo teria de ser totalmente reelaborado para a implantação da matrícula semestral. Essa foi a mesma posição declarada pela Biologia, que acrescentou que daria conta da reformulação para julho de 2006. O Direito também negou a possibilidade de adotar o novo vestibular, mas a faculdade lembrou que continua interessada em abrir um turno à tarde.

# “Um outro ambiente de trabalho é possível”

“Não sois máquinas! Homens é que sois”

Charles Chaplin

Rodrigo Cestari

Fazer da nossa rotina diária de trabalho um lugar de convivência ética-profissional e acima de tudo, pacífica e respeitosa, é germinar num campo saudável a harmonia entre todos nós.

Por ser a PUC-SP uma instituição filantrópica, sem fins lucrativos, e com um caráter comunitário voltado ao compromisso social, por que nos relacionamos em desalinho com esses valores? Sabemos da responsabilidade de nossas funções e da importância de nossos cargos perante o funcionamento da instituição. Somos, porém, envolvidos numa rede de atitudes e comportamentos de impessoalidades que certamente não é a cara da PUC-SP. Não devemos refletir e copiar o modelo hostil da gestão

empresarial capitalista, pautado na relação de competitividade desenfreada, nem tampouco retroceder ao desumano chão de fábrica do século XIX; lembremos de nossa conquista histórica e pioneira da redução da carga horária de 44 para 40 horas semanais.

Quantas vezes não escutamos daqueles que trabalham na casa há um bom tempo: “a PUC-SP não é mais a mesma”? Tempos dourados aqueles em que o espírito de solidariedade e companheirismo se faziam valer. Haja visto que naquele tempo não existia uma empresa tercerizada de segurança e nem de limpeza, e os setores administrativos interagiam pela própria aproximação física, tornando talvez, a comunidade mais homogênea. Saudosismo à parte, faz-se necessária hoje uma reflexão sobre nosso po-

tencial de mudança e de não conformismo à atual realidade, visando a uma reintegração de nossos laços, reintegração dos funcionários da limpeza e da segurança ao corpo administrativo.

O bem-estar do funcionário está relacionado diretamente com a sinergia de seu setor, bem como à de seus companheiros. Devemos nos policiar em nossos atos, repensar nossas posições e intenções, para que realmente possamos reerguer um lugar bom de trabalhar. Ora, jogamos no mesmo time, ou não? Viva a PUC unida!

Rodrigo Cestari é funcionário da biblioteca Central



Os artigos publicados nesta seção são de responsabilidade exclusiva de seus autores. Espaço disponível: máximo de 30 linhas, ou 2300 caracteres em fonte 12.

## MOBILIZAÇÃO

# Estudantes fazem ato na Prainha por bolsas

Nesta segunda-feira o Comitê de Mobilização dos Estudantes da PUC deve fazer uma manifestação na universidade para pedir a reabertura das bolsas nas modalidades doação e restituível. O ato será às 18h, na Prainha. A decisão foi estabelecida pelo Comitê na assembléia de 7/3, no Pátio da Cruz, onde os estudantes vem se reunindo regularmente às segundas-feiras. Também foi decidido buscar uma negociação aberta com a Reitoria para a concessão de bolsas, mas até o fechamento desta edição ainda não havia acordo sobre esta reivindicação.

O Cacs vem auxiliando os alunos em sua organização, e já recebeu cerca de 100 formulários de solicitação de bolsas de alunos de diversos cursos. Os

estudantes avaliam ser absurda a postura que vem sendo tomada em relação as bolsas pelos gestores da PUC. Desde o ano passado, a universidade não abre inscrições para bolsas doação e restituível. Muitos estudantes reclamam ainda que suas bolsas vêm sendo cortadas sem respeito aos critérios estabelecidos pela própria Reitoria.

A professora Cleide Canhadas, supervisora do atendimento comunitário, setor subordinado à Reitoria, informou que no ano passado não houve concessão de bolsas restituível e doação em virtude do agravamento da crise financeira da PUC, mas que este ano existe a possibilidade de abertura de novas bolsas em breve. A professora explicou que há alunos que eram bolsistas e se formaram, e que estas vagas

deverão ser preenchidas. Em relação aos cortes de bolsas, Cleide disse que de fato foi feita uma revisão entre alunos com bolsa desde 2001, mas que nenhuma bolsa foi cortada arbitrariamente. “Havia alunos que aumentaram sua renda familiar em três vezes, e perderam suas bolsas pelo critério da renda”, argumentou Cleide.

Durante a semana passada, foram realizadas assembléias de curso no Prédio Velho. Os cursos de História e Turismo decidiram apoiar as decisões do Comitê, e os estudantes de História, após discutir direitos autorais e editoriais, a pouca disponibilidade de livros na Biblioteca da PUC, e o alto custo dos livros usados em sala, decidiram também apoiar o funcionamento da Xerox do Cacs regularmente.

# Rola na rampa

## Escolha da Praça de Alimentação sofre atraso

A escolha das empresas que vão administrar os cinco estabelecimentos da nova Praça de Alimentação começou na semana passada, com alguns percalços. Na segunda-feira, seriam abertos os envelopes dos concorrentes da pizzaria e da lanchonete, mas a comissão não soube diferenciar quais envelopes continham as propostas para cada concorrência. A abertura foi transferida, então, para o dia seguinte, junto com os envelopes referentes ao restaurante, ao café e ao balcão de alimentos naturais. Nessa segunda reunião, no entanto, só houve tempo para tratar das concorrências para a pizzaria e a lanchonete, mas as propostas ainda estão sendo avaliadas. Somados os cinco estabelecimen-

tos, nove empresas apresentaram interesse. Na reunião de segunda, a comissão foi novamente questionada pelos estudantes: o CCA designou um representante para ler uma carta de protesto à forma como foi elaborado o edital de seleção, com um aluno do Direito sendo escolhido pela Reitoria, sem consulta ao CCA, só contatado quando o edital estava fechado. O CCA propunha a reabertura da discussão dos critérios, o que não foi aceito pela comissão. A funcionária presente à reunião, após o pronunciamento do estudante, disse que os funcionários também estão insatisfeitos com a forma pela qual o processo de concessão está sendo conduzido.

## O melhor do violão em show no Tuca

Neste sábado, 19/3, às 21h, o Tuca recebe o show de lançamento do projeto *Violões do Brasil*, com apresentações de 11 artistas. O projeto consiste em um livro, um cd duplo e um DVD narrando a história do violão na música

brasileira através de depoimentos, crônicas, biografias, fotos e claro, canções. O livro também traz um mapeamento com os contatos de cerca de 400 violonistas e 70 fabricantes de violão em atividade hoje no país.

## Ovos de páscoa em promoção na AFAPUC

Começou na semana passada a venda promocional de ovos de páscoa e chocolates da marca Show de Sabor, na sede da AFA-

PUC. Funcionários associados podem debitar suas compras em duas vezes, com desconto em folha. A venda vai até 18/3

## Mostra de Vídeos Puquianos em maio

A Videoteca agendou para o próximo mês de maio uma Mostra de Vídeos Puquianos, aberta a trabalhos de alunos de todos os cursos. As inscrições podem ser feitas até o dia 31 deste mês, no balcão de atendimento da Videoteca (térreo do Prédio Novo). Os vídeos se-

rão exibidos no Auditório Banespanos dias 17 e 24/5. Informações: 3670-8267. Já a mostra *Anos 50 em cena* terá mais duas exhibições de clássicos nesta terça, 15/3: *Milagre em Milão*, de Vittorio de Sica, às 12h, e *Juventude transviada*, de Nicholas Ray.

## Mais um encontro com a Reitoria nesta segunda

O sexto e último encontro organizado pela Reitoria para discutir a situação da universidade será voltado a alunos, funcionários e professores do Centro de Ciências Jurídicas, Econômicas e Administrativas (CCJEA), e acontece nesta segunda-feira, 14/3, às 17h30, na sala 333 (3.º andar do Prédio Novo).

## Jornalista japonês na PUC

O jornalista Yoichi Nishimura vem à PUC nesta semana para debater a posição mundial do Japão e sua relação com o Brasil e a Ásia. A palestra, com tradução consecutiva para o português, foi organizada conjuntamente pelo Consulado Geral do Japão e pelo Grupo de Estudos Ásia-Pacífico da PUC-SP. O evento acontece na próxima segunda-feira, 21/3, às 19h, no Tucarena.

## Comfil organiza duas aulas magnas

A Faculdade de Comunicação e Filosofia (Comfil) realiza nesta semana dois eventos voltados aos alunos. O primeiro é uma aula magna com o tema *Pensamento e Existência*, apresentada pela professora Dulce Mara Critelli, do Departamento de Filosofia, na segunda-feira, 14/3, às 19h30, no

Tuca. Na quarta-feira, às 10h e às 19h10, no auditório 239, haverá a aula inaugural da disciplina *Cultura e Cidadania*, com o tema *Intolerância, preconceito e resistência*, contando com a presença de diversos professores do Laboratório de Estudos sobre a Intolerância da USP.